

Banda Desenhada Portuguesa celebra o seu dia em data não consensual

written by O Cidadão | 16 de Outubro, 2024



A celebração deste dia foi proposta pelo partido Livre e aprovada por unanimidade pelos deputados da Assembleia da República, no final de setembro.

Num projeto de resolução, o Livre sugeriu que a efeméride fosse a 18 de outubro porque nesta data, em 2023, a Academia Nacional das Belas Artes reconheceu a banda desenhada como uma **“forma superior de expressão cultural e artística”**.

Para o Livre, esse reconhecimento da Academia, que incluiu o acolhimento dos autores Paulo Monteiro e Penim Loureiro como membros académicos, representou um **“passo decisivo que contribuiu para o reconhecimento e credibilização da banda desenhada portuguesa e de todos os seus intervenientes”**.



Foto de Livraria Bertrand.
Direitos Reservados

A BD portuguesa ***“tem dado provas recentes de grande crescimento, maturidade, profissionalização e qualidade”*** e o reconhecimento pela Academia Nacional de Belas Artes poderá permitir, por exemplo, ***“a valorização das potencialidades pedagógicas”*** da BD no ensino do Português, sublinhou o Livre.

Paulo Monteiro, autor, editor, diretor do festival de BD de Beja, disse que a celebração deste dia ***“é mais uma maneira de se falar da banda desenhada, e isso é importante”***.

“Não acho que o dia seja o mais significativo na História da BD portuguesa, mas acho que é importante a entrada como uma das disciplinas da Academia de Belas Artes. É uma data em que cabem todas as outras datas”, disse.

Se pudesse ter escolhido, Paulo Monteiro diria que o Dia Nacional da Banda Desenhada Portuguesa deveria ser a 3 de agosto, dia em que, em 1850, foi publicado, na Revista Popular, ***“Aventuras Sentimentais e Dramáticas do sr. Suplício Baptista”***, do autor Flora, e que é considerada a ***primeira prancha de banda desenhada***.

O investigador académico Pedro Moura lamentou que não tenha sido feito ***“nenhum tipo de discussão transversal”*** sobre a escolha da data, a não ser aquela referência à decisão da Academia Nacional de Belas Artes.

“A data não é uma efeméride em particular, sobre uma publicação ou o nascimento de alguém – esse alguém deveria ser o Bordalo Pinheiro. Não nego que haja valor, não houve discussão com a comunidade, entre investigadores, autores, editores. Foi uma decisão de um grupo pequeno, ainda bem, mas não reflete a História da Banda Desenhada em Portugal”, disse.

Pedro Moura, ele próprio com obra publicada enquanto investigador e argumentista, considera que a data poderá ser capitalizada por editoras ou entidades na promoção e divulgação de BD, mas continua a não haver crítica e pensamento sobre este género literário.

Sobre a relevância deste dia nacional, Paulo Monteiro concorda que servirá para o mercado promover e divulgar banda desenhada.

“Não sei se vai trazer mais leitores, mas é mais um motivo para se falar, para se conversar e isso não é necessariamente mau. E acaba por funcionar como um pretexto para os livreiros acarinharem a BD pelo menos neste dia, de uma forma diferente, nas livrarias generalistas; por isso alguma coisa fará mexer”, disse Paulo Monteiro.

Jorge Deodato, um dos fundadores da editora independente Escorpião Azul, cujo catálogo é maioritariamente composto por autores portugueses, contou que a criação daquela efeméride ***“tem uma relevância imensa”.***

“É um reconhecimento importante de que a banda desenhada é uma forma de arte que esteve durante anos e anos esquecida e que, de há uns anos a esta parte, estava a lutar para ter um impacto maior”, disse.

O editor acredita que esta celebração será importante para o meio artístico: ***“A banda desenhada não é fazer um bonequinho em cinco minutos. É uma arte exigente e a maioria dos autores faz tudo sozinho”.***

Sílvia Reig, responsável pela editora Levoir, aplaude a decisão de se criar este dia nacional, porque ainda há **“um certo menosprezo da banda desenhada”** em relação a outros géneros literários.

“É um dia importante. Vai mudar muito? Não, mas é com pequenos movimentos que conseguimos mudar as opiniões”, disse a editora.

Uma das coleções recentes publicadas pela Levoir, em colaboração com a RTP, é dedicada a adaptações de grandes clássicos da literatura portuguesa, como **“Os Maias”**, de Eça de Queirós, **“A mensagem”**, de Fernando Pessoa, e **“Os Lusíadas”**, de Camões, cujo primeiro volume sai na próxima semana.

“Muitos professores já vieram dizer-me que os livros eram bons e que iam recomendar aos alunos e que os dossiers pedagógicos estavam bem feitos. O importante é que os miúdos e os graúdos peguem num livro e leiam. É uma porta de entrada para outro mundo”, sublinhou Sílvia Reig.

No projeto de resolução para criar este dia nacional, o Livre sustentou que a BD portuguesa **“tem demonstrado grande vitalidade e capacidade de renovação”** e que, na última década, os números de publicação de BD em Portugal **“demonstram um setor em crescimento e com maior visibilidade”**.

Jorge Deodato também tem a perceção de que a produção está a aumentar, a oferta é maior e há **“uma maior densidade de autores”**, enquanto Paulo Monteiro descreve-o como **“um momento particularmente positivo”**.

“Estamos muito longe dos anos 1980 e 1990, em que o mercado franco-belga dominava. Neste momento são mais de 200 autores a trabalhar. Há muita gente a fazer BD e a publicar, nomeadamente nas publicações alternativas e fanzines. Há uma série de festivais, antes só havia o da AmadoraBD. Há a Bedeteca de Beja e da Amadora, a renovada Bedeteca do Porto, a fanzineteca de Aveiro”, enumerou Paulo Monteiro.

No início de setembro, a Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL) divulgou um estudo sobre hábitos de leitura e de compra de livros, encomendado à empresa GfK, e que concluía que, nos últimos 12 meses, 22% dos inquiridos tinham comprado banda desenhada.

Nos hábitos de leitura, 11% dos inquiridos disseram ter lido banda desenhada no último ano, numa tabela que era liderada pelo romance. Segundo a APEL, a leitura e a compra de banda desenhada decrescem à medida que a idade do leitor aumenta.

Sobre a existência de banda desenhada nas coleções da Rede de Bibliotecas Públicas e sobre o volume de empréstimos deste género literário, fonte da Direção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas disse que os inquéritos feitos regularmente a estes equipamentos apenas revelam uma “**caracterização genérica**” de atividade e não possuem um grau de detalhe sobre género.

OC/AJS/Lusa